

# XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



## [Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti  
Maria de Fátima Morethy Couto  
Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas  
Outubro 2011





## ***Apresentação de Mesa-Redonda - 11***

Angela Maria Grando Bezerra

As quatro comunicações apresentadas discutem de forma diferenciada e bem particular ângulos de perceber o fenômeno artístico, seja na condição histórica dos curadores, seja na relação estabelecida entre a obra de arte e o espaço onde transita, seja em sua relação tecnológico-midiática ou ainda em apontamentos sobre a estrutura de um artista conceitual latino-americano.

A participação de Paulo Silveira traz reflexões sobre a obra do uruguaio Ulises Carrión, que apresentam não somente a obra de Carrión, mas também as estratégias de uma obra madura e pouco conhecida no Brasil. Alinhado com as referências da arte postal, Silveira aponta a necessidade de se realizar uma historiografia não só da arte postal como das relações entre a imagem e o movimento, da palavra aplicada ao projeto, das estratégias culturais e da publicação de artistas. Ressalta a necessidade de um redimensionamento da presença e da influência qualitativa da atuação latino-americana na construção da arte contemporânea. Com isso, é pertinente refletir de que modo essa atuação se dá na influência de um contexto global e, principalmente, que características locais essa atuação carrega em sua influência.

Na busca da definição e aplicações do termo arte digital, Nara Cristina Santos aponta para as problemáticas da historiografia da arte ao tentar englobar a arte digital e explicita a necessidade de se pensar a história da arte a partir dos sistemas pelos quais ela foi escrita. Entre as diversas condições indicadas pela autora para potencializar uma história da arte sistêmica, ressalta-se a análise das modificações provocadas no e pelo modo de pensar a arte gerada por esses novos dispositivos no entorno digital

no contexto da arte contemporânea. Considera -se ainda a condição da história da arte como sistema que leva em conta também os cruzamentos interdisciplinares clássicos e tecnológicos, além da concepção de várias vozes em uma história que aponta, assim, para a convergência entre a história da arte, a história da imagem e a história das mídias e tecnologia. Assim, a autora indica uma historiografia que trata menos do trabalho do artista que dos mecanismos institucionais que criaram e reforçaram as distinções de categorias.

Ana Maria Albani de Carvalho refletiu sobre a problemática da instalação em tempos de modernidade líquida, discutindo a maneira como propostas *site-specific* problematizam a noção de espaço no campo das artes visuais. Carvalho utiliza como estudo de caso a Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, e seu programa de exposições, para tentar inferir a problemática dessa arte no espaço e no tempo. A autora/comunicadora destaca o caráter protagonista do prédio em que funciona a fundação, obra do arquiteto português Álvaro Siza, utilizando especificamente a obra/exposição de Regina Silveira, realizada especialmente para tal espaço, e abordando criticamente os ambientes expositivos.

Por fim, a potência já historicizada do curador foi abordada por Helouise Costa. A passagem histórica das atribuições do curador ao longo do tempo categorizou três dos quatro importantes curadores destacados pela pesquisadora, a saber, David Teniers, Dominique-Vivant Denon, Alfred Barr e Harald Szeemann, este último não discutido na comunicação, por constituir ainda escopo de pesquisa. Foi ressaltada a figura do curador, desde os gabinetes de curiosidades, e as modificações por que passaram, e não só a atividade de curador em si, como – e principalmente – a diferenciação na maneira de se mostrar as obras. Fica clara a crescente especialização pela qual passou a profissão, tendo como momentos-ápice o século

XIX, com a abertura de museus públicos vinculados ao Estado, e principalmente as décadas de 20 e 40 do século XX, quando se modifica também a maneira de olhar a arte. É sob a direção de Alfred Baar que o MoMA ganha sessões dedicadas à produção moderna, como gravura, desenho, fotografia e tipografia, entre outras expressões. Baar também está preocupado com o caráter educativo do museu, assim como com seus catálogos. A autora ressalta a condição histórica de Baar, frequentemente tomado como sujeito todo-poderoso, ao evocar sua relação acadêmica e histórica, e principalmente a maneira como conduzia suas decisões no cotidiano.

A visão geral é da alteridade: à distância de diagnósticos ideológicos, as comunicações direta ou indiretamente desenham as interconexões e contraposições, suscitando questões teóricas e relevantes no debate da arte contemporânea, entre elas o meio local e global, a expansão cultural e artística, o artista produtor cultural *avant la lettre*, e ainda convidando ao debate sobre o curador independente, que deve se deslocar e ter a mente aberta para conhecer a globalização.

